

6con. Brasil

Deixem o brasileiro trabalhar em paz

ESTADO DE SÃO PAULO

15 SET 1996

Há poucos dias o ministro da Fazenda, Pedro Malan, explicou pela enésima vez que não há contradição entre o crescimento de uma economia e a estabilidade monetária. A inflação, Malan não se cansa de repetir, é um imposto que o andar de cima cobra ao de baixo, e é precisamente por isso que, estabilizado o real, o brasileiro está comendo mais. (A menos que se acredite na possibilidade dos 10% mais ricos, que ficam com 24% da renda nacional, estarem comendo, cada um, 42 frangos por dia.)

Ia muito bem o professor Malan, quando se meteu numa encrenca por conta de um velho hábito dos hierarcas nativos de sobrevalorizarem o governo que os emprega e desvalorizarem o povo que lhes paga. Saiu-se com esta:

— No fundo, o brasileiro tem uma descrença em si mesmo, achando que, a qualquer momento, a coisa possa descarrilar.

O brasileiro não tem descrença em si mesmo. Ele tem descrença nos ministros da Fazenda. Numa conta generosa, pode-se calcular que o índice de fracasso desses senhores está em torno de 50%. Para cada um aceitável, houve pelo menos outro desastroso. (Quase todos se tornaram bem-sucedidos consultores, mas isso é outra história.)

Mesmo que o brasileiro fosse um profissional do fracasso, precisaria ser também



doido para perder a confiança em si mesmo por conta do descarrilamento de planos econômicos de cuja direção não participa.

Com Proer e tudo, Malan tem sido um ministro bem-sucedido, mas ele próprio haveria de ser um descrente se soubesse que em agosto um ministro projetava um aumento do PIB para este ano entre 3% e 3,5% e, duas semanas depois, visse o mesmo ministro raciocinando com uma mediana de 2,8%, baseando-se em estimativas de oito bancos.

Além das projeções conflitantes, é o caso de se perguntar quanto valem oito estimativas de banco, ou mesmo 88, se o governo mantém duas instituições profissionais acompanhando a economia nacional. Uma é o Ipea, onde Malan fez sua carreira. A outra é o IBGE. Nos mesmos dias em que o ministro falava num crescimento superior a 3%, ambos projetavam taxas na casa dos 2%. O Ipea com 2,8% e o IBGE com 2,6%.

No caso, teria razão para exercitar uma descrença em si mesmo, pois foi ele quem misturou os números.

Falar mal do brasileiro é um hábito tão velho quanto inútil, até porque, se essa gente for tão ruim quanto dizem, só resta aos seus críticos trabalhar com duas hipóteses:

Podem trocar de povo, ou trocar de país. Como diria Claude Lévi-Strauss, descobrirão como são típicos.

